

OS DISTÚRBIOS DE CONDUTA E SUA RELAÇÃO COM O *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR

Verônica Moreno Machado¹

Resumo

A pesquisa investiga os sinais dos distúrbios de conduta, manifestos nas expressões corporais e relacioná-los com o *bullying* no contexto escolar. Com isso, o estudo também contribui na melhoria do relacionamento entre o adulto e os sujeitos da pesquisa. Para o desenvolvimento da investigação foi selecionada uma escola no município de Cáceres/MT, a partir de indicação da Secretaria Municipal de Educação. Utiliza-se a metodologia de estudos de casos em uma amostragem de 16 sujeitos, a partir da aplicação de tais técnicas de coleta de dados: Observação Natural e Elaboração de Desenhos. O *bullying* escolar tornou-se alvo de estudos e pesquisas a partir da constatação do significativo aumento no índice de agressividade nas relações dos alunos, o que vem sendo observado com grande preocupação por parte dos pais e dos professores. O presente artigo retrata uma pesquisa a mais, em que a autora estudou o *bullying* sob a ótica da expressão corporal, como um distúrbio de conduta e apresenta seus resultados da seguinte forma: primeiramente as conceituações do *bullying* por alguns autores e em seguida análise dos dados coletados a partir das técnicas citadas.

Palavras-chave: *Bullying* Escolar. Distúrbios de Conduta. Expressão Corporal.

THE BEHAVIOR DISORDERS AND ITS RELATION TO BULLYING IN THE SCHOOL CONTEXT

Abstract

The research investigates the signs of conduct disorder, manifest in bodily expressions and relate them with bullying in the school context. With this, the study also contributes in improving the relationship between the adult and the research subjects. For the development of research we selected a school in the city of Cáceres/MT, from indication of the Municipal Education. By the way, we use the methodology of case studies on a sample of 16 subjects from the application of such techniques of data collection: Observation and Natural Preparation of Drawings. The school bullying has become the target of studies and research from the observation of a significant increase in the rate of aggression in relationships of students, which has been observed with great concern by parents and teachers. This article portrays a more research, in which the author has studied bullying from the perspective of body expression, such as a behavior disorder and presents its findings as follows: first the concepts of bullying by some authors then analyze the data collected from the above mentioned techniques.

Keywords: School Bullying. Conduct Disorders. Body's Expression

¹ Mestre em Educação pela UFMT. Membro do PIESES na UNEMAT. Contato: veronicamorenomachado@gmail.com

Introdução

O estudo se sustenta teoricamente nos supostos de Fante (2005), Constantini (2004), Cubas (2007), Costa (2009) entre outros para identificar os sinais dos distúrbios de conduta em crianças e adolescentes, entre seis e 12 anos, e estabelecer sua relação com o *bullying*.

Levando em consideração que crianças e adolescentes com dificuldade de adaptação social, geralmente apresentam também dificuldade de comunicação e conseqüentemente não conseguem expressar verbalmente os seus sentimentos, suas emoções e necessidades, a pesquisa investiga os sinais dos distúrbios de conduta (caracterizados como transtorno ou desvio), manifestos nas expressões corporais e relacioná-los com o *bullying* no contexto escolar. Com isso, o estudo também contribui na melhoria do relacionamento entre o adulto e os sujeitos da pesquisa.

Para o desenvolvimento da investigação foi selecionada uma escola no município de Cáceres/MT, a partir de indicação da Secretaria Municipal de Educação, pelo fato de atenderem crianças e adolescentes de várias regiões da cidade e localizar-se na região periférica da cidade.

Utiliza-se a metodologia de estudos de casos em uma amostragem de 16 sujeitos, a partir da aplicação de tais técnicas de coleta de dados: Observação Natural e Elaboração de Desenhos.

O *bullying* escolar tornou-se alvo de estudos e pesquisas a partir da constatação do significativo aumento no índice de agressividade nas relações dos alunos, o que vem sendo observado com grande preocupação por parte dos pais e dos professores.

O presente artigo retrata uma pesquisa a mais, em que a autora estudou o *bullying* sob a ótica da expressão corporal, como um distúrbio de conduta e apresenta seus resultados da seguinte forma: primeiramente as conceituações do *bullying* por alguns autores e em seguida análise dos dados coletados a partir das técnicas citadas.

O *bullying* escolar e suas características

O *Bullying* é uma palavra do idioma inglês britânico, enquanto a denominação pessoal é traduzida como 'valentão', 'tirano', e como verbo, 'brutalizar', 'tiranizar', 'amedrontar' (FANTE, 2005). Assim, pode ser compreendido como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. Porém, de acordo com Fante (2005), alguns pesquisadores consideram serem necessários no mínimo, três ataques contra a mesma vítima, durante o ano, para que a agressão se configure como *bullying*.

Com relação ao desequilíbrio de poder caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores: por ser menor em estatura ou força física; por estar em minoria; por apresentar pouca habilidade de defesa; pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou autores dos ataques.

Outros autores também conceituam o *bullying*, de acordo com Makaron (2012), *bullying* é um termo de origem anglo-saxônica e retrata um conjunto de atos de agressão física ou psicológica de caráter intencional, repetitivo e sem motivação aparente, provocados por uma ou mais pessoas contra outra pessoa em desvantagem, com o objetivo de causar dor e humilhação.

Para Constantini (2004), o *bullying* trata-se de um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como *intimidadores* nos confrontos com uma vítima predestinada.

Assim sendo, por definição universal, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying* (FANTE, 2005, p. 28).

Os comportamentos *bullying* podem ocorrer de duas formas: *direta* e *indireta*, ambas aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima. A *direta* inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a *indireta* talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social (FANTE, 2005).

Tanto meninos quanto meninas se envolvem nos casos, no entanto os primeiros aparecem com mais frequência entre os agressores e em casos de *bullying direto*, enquanto as meninas aparecem mais envolvidas nos casos de *bullying indireto*. Apesar das diferenças, normalmente, os meninos são os principais agressores e aparecem com grande frequência tanto em casos em que as vítimas são meninas ou meninos. Isso seria resultado de o relacionamento entre meninos ser mais difícil, mais violento e agressivo do que entre as meninas, sendo que, essas diferenças teriam raízes biológicas, sociais e ambientais (OLWEUS apud CUBAS, 2007).

Na visão analítica de Camargo (2012), no *bullying* há três personagens:

Tabela 01: Personagens do *bullying*.

Agressor	Nome dado para a pessoa que pratica a ação. Este costuma ser um indivíduo com pouca empatia, geralmente apresenta-se como o mais forte da turma, sente uma necessidade de dominar e subjugar os outros, gosta de impor suas vontades, gostos, preferências, custa a adaptar-se às regras, não aceita ser contrariado, é considerado pela turma como malvado, durão, etc.
----------	--

Vítima	Quem é alvo direto da ação e costuma ter um aspecto físico mais frágil que o de seus companheiros, possui medo que algo ruim lhe aconteça, medo de ser ineficaz nos esportes ou brigas, extrema sensibilidade e timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, apresenta uma característica habitual não agressiva, etc.
Espectador	Um terceiro personagem que representa a maior parte dos alunos. Este é quem presencia o <i>bullying</i> sem sofrê-lo ou praticá-lo. Convive com as agressões e opta por ficar em silêncio temendo retaliações por parte do agressor. Muitos se sentem inseguros e incomodados.

Fonte: Elaborada pela autora.

Seja agressor, vítima ou espectador, todos precisam conhecer formas de combater o *bullying* e para isso é preciso que se tenha uma equipe de profissionais que deem suporte para as denúncias, orientações e intervenções eficazes.

O *bullying* possui a propriedade de ser reconhecido em vários contextos: nas escolas, nas famílias, nos condomínios residenciais, nos clubes, nos locais de trabalho, nos asilos de idosos, nas Forças Armadas, nas prisões, enfim, onde existem relações interpessoais (FANTE, 2005). E mais recentemente, a tecnologia deu nova cara ao problema como mostra reportagem da Revista Nova Escola (2010). E-mails ameaçadores, mensagens negativas em sites de relacionamento e torpedos com fotos e textos constrangedores para a vítima foram batizados de *cyberbullying*.

Os comportamentos que denotam o *bullying* são às vezes considerados irrelevantes, tal atitude faz com que pese de maneira decisiva a ausência de intervenção por parte dos adultos. A falta de respostas do adulto facilita a formação e a consolidação de modelos de comportamento, os quais rotulam quem é vítima e quem é agressor (CONSTANTINI, 2004).

O *bullying* é considerado tanto um fenômeno novo quanto um fenômeno bastante antigo. O primeiro pelo fato de que vem sendo um objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas, despertando a atenção da sociedade para suas consequências nefastas, uma vez que se evidencia pela 'desigualdade entre iguais', resultando num processo em que os 'valentões' projetam sua agressividade com requintes de perversidade e de forma oculta dentro de um mesmo contexto escolar. Por outro lado, o segundo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas – onde os 'valentões' continuam oprimindo e ameaçando suas *vítimas*, por motivos banais – e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais da educação (FANTE, 2005).

Os comportamentos *bullying* não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (CONSTANTI, 2004).

Segundo Olweus apud Fante (2005), é comum entre os alunos de uma classe a existência de diversos tipos de conflitos e tensões. Há ainda inúmeras outras interações agressivas, às vezes como diversão ou como forma de auto-afirmação e para se comprovarem as relações de força que os alunos estabelecem entre si.

O *bullying* se desenvolve concomitantemente a um período particular da adolescência, distinguido por um amadurecimento diferente dos jovens das primeiras séries em relação aos das séries mais adiantadas, os quais estão mais voltados para os interesses externos à escola. Logo, o *bullying* é característico das primeiras séries, envolvendo quem é mais imaturo, quem está vivendo o ápice da fase evolutiva, quando não é mais criança, mas ainda não se tornou um jovem maduro (CONSTANTINI, 2004).

O adulto no papel de educador tem grande responsabilidade na ação e combate a esse fenômeno. Sua função seria de um lado chamar a atenção do agressor com firmeza em relação ao respeito ao outro, à convivência social e às regras ligadas a esta; de outro, desenvolver todas as práticas e estratégias pedagógicas que favoreçam a educação voltada para as relações e para os enfrentamentos entre os membros do mesmo grupo – classe (CONSTANTINI, 2004).

Para Fante e Pedra (2008), o *bullying* é uma forma de violência que resulta em sérios prejuízos, não apenas ao ambiente escolar, mas a toda a sociedade, pelas atitudes de seus membros. As relações desestruturadas por meio de condutas abusivas e intimidatórias incidem na formação de valores e do caráter, o que refletirá na vida do indivíduo, no campo pessoal, profissional, familiar e social.

O fato de empregar a agressividade da pior maneira possível que a caracteriza como *violência* (ANTUNES, 2012). Segundo o Dicionário Houaiss (2001), violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral (contra alguém); ato violento, crueldade, força”. No aspecto jurídico, o mesmo dicionário define o termo como o constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação. Logo, a violência é a total perda do controle que precisamos ter sobre a agressividade.

Para o Dicionário de Psicologia (2003), a agressão é um termo empregado de várias maneiras, em geral para descrever uma tentativa deliberada de agredir outra pessoa. Não há uma definição de consenso, em parte porque o termo algumas vezes refere-se a comportamento (bater), outras vezes a estado emocional (sentimento agressivo) e outras a uma intenção (desejo de agredir).

Há várias classificações de diferentes tipos de *agressão*, a mais útil delas diz respeito à distinção entre agressão instrumental, um ato agressivo executado para alcançar algum outro objetivo, e agressão hostil, motivada por emoções e sentimentos antagônicos. Sendo assim, a pesquisa se reflete aqui sobre a agressividade hostil, ou seja, a violência, na qual o *bullying* está implícito e cujo objetivo é impor dano ao outro.

O que diferencia o *bullying* dos outros tipos de *violência* é a propriedade de causar traumas irreparáveis no psiquismo das vítimas, comprometendo sua saúde física e mental e seu desenvolvimento socioeducacional. Ao contrário de outras ações violentas, ocasionais e reativas, o *bullying* é caracterizado por ações deliberadas e repetitivas, pelo desequilíbrio de poder e pela sutileza com que ocorre, sem que os adultos percebam ou permitindo que estes finjam não perceber (FANTE e PEDRA 2008).

Portanto, o *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias,

dentre elas, talvez a mais grave, a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas (FANTE, 2005, p.30).

O fenômeno *bullying* passou a ser considerado como um problema de saúde pública, devendo ser reconhecido pelos profissionais de saúde em razão dos danos físico-emocionais sofridos por aqueles que estão envolvidos nele. (FANTE, 2005)

Segundo Fante e Pedra (2008), os *praticantes* de *bullying* apresentam distanciamento dos objetivos escolares, baixo nível acadêmico e dificuldades de adaptação às regras escolares e sociais, devido às suas atitudes indisciplinadas, desafiantes, perturbadoras, resultando em déficit de aprendizagem e desinteresse pelos estudos. Podem tornar-se arrogantes, manipuladores, cruéis, “durões”, além de desenvolver liderança negativa. Podem introjetar a noção de que conseguem destaque e notoriedade por meio de comportamentos autoritários, abusivos e violentos, o que pode conduzi-los ao caminho da delinquência e da criminalidade.

Assim, o praticante de *bullying* apresenta maior suscetibilidade ao envolvimento em gangues, brigas, tráfico, porte ilegal de armas, abuso de álcool e de drogas. Além disso, há tendência à prática da violência doméstica e o assédio moral em seu local de trabalho, e de apresentar baixa resistência à frustração.

Os agressores têm maior probabilidade de se envolverem em casos mais graves de agressões, de serem presos ou de terem ocorrências criminais na vida adulta. Podem continuar agindo de maneira agressiva, inclusive com seus cônjuges ou filhos, o que acaba criando um ciclo de violência doméstica e animando novas gerações de crianças agressivas (CUBAS, 2007).

O agressor (de ambos os sexos) envolvido no fenômeno estará propenso a adotar comportamentos delinquentes, tais como: agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida... afinal foi assim os anos escolares (FANTE, 2005, p. 81).

Já a vítima, de acordo com os autores, dependendo da estrutura psicológica, poderá desenvolver ansiedade, tensão, medo, raiva reprimida, angústia, tristeza, desgosto, sensação de impotência e rejeição, mágoa, desejo de vingança e pensamento suicida, dentre outros. Porém, devemos pensar nos tipos de construções inconscientes de cadeias de pensamentos que estão sendo construídas na memória da vítima e suas implicações para o desenvolvimento da auto-estima, da socialização e do aprendizado.

A experiência do *bullying* é traumática ao psiquismo das vítimas, pois promove o superdimensionamento do registro em sua memória, por causa da forte carga emocional de constrangimento vivenciada. Daí por diante, seja de fonte extrapsíquica ou intrapsíquica, a cada novo estímulo aversivo, gerado pela presença ou lembrança do agressor, novas construções de cadeias de pensamentos se constroem, aprisionando a mente da vítima a emoções desagradáveis e geradoras de desequilíbrios biopsicossociais (FANTE e PEDRA, 2008).

Dependendo da intensidade do sofrimento vivido em consequência do *bullying*, a vítima poderá desenvolver reações intrapsíquicas, com sintomatologias de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaleia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem como reações extrapsíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas (FANTE, 2005, p. 80).

Os distúrbios de conduta se caracterizam por um padrão de comportamento repetitivo em que há desrespeito aos direitos alheios e transgressão das normas sociais. De acordo com o Dicionário de Psicologia (2003), os distúrbios de conduta são um grupo de distúrbios de comportamento em crianças, entre os quais se encontram a agressão ou a não observância de regras. Na mesma referência, aborda que os distúrbios de conduta se constituem de um conjunto de comportamentos em desvio, o que revela uma de suas características, os distúrbios de comportamento os quais normalmente apresentam sintomas que praticamente colocam o sujeito em conflito com a sociedade, no nosso caso com a escola.

Na pesquisa observam-se os distúrbios de conduta não patológicos, mas aqueles que se caracterizam como transtornos ou desvio, tais como, tendência à fantasia, tendência à agressividade, tendência à rejeição de autoridade e tendências ao mutismo, ao isolamento e ao enclausuramento.

Segundo Bondin e Offord (2000), os transtornos de conduta não podem ser confundidos com casos de saúde mental que causam incômodo no ambiente familiar e/ou escolar, esses transtornos são caracterizados por comportamento anti-social persistente com violação de normas sociais ou direitos individuais.

A expressão corporal é a manifestação da existência individual e contextualizada do sujeito, a que o corpo exterioriza através de posturas, posições, movimentos, gestos e olhares (COSTA, 2009).

De acordo com Lowen (1982), são poucas crianças livres de tensão muscular, o qual interfere na estruturação de suas respostas e nos papéis sociais que desempenham. Estes padrões de tensão corporal refletem os traumas vividos durante o crescimento, todas as restrições, privações, reduções, supressões e frustrações que uma pessoa passou ao longo da vida. Cada criança sente estes padrões, a seu modo e com diferentes intensidades. A criança aprende desde pequena a controlar as suas emoções, ao fazer isto, estará conformando para si máscaras ou couraças não naturais, incorporadas à Expressão Corporal que formarão parte de sua conduta corporal.

A Expressão Corporal da criança como manifestação explícita de sua individualidade representam os mais íntimos aspectos psíquicos de sua existência individual. Todos os sentimentos e emoções são motivados pelo ambiente e pelas relações sociais, também são capazes de manter a criança em contato consigo mesma, próxima e consciente. A ausência de tais sensações provoca a mudança nas expressões, e quando motivadas por relações sociais desagradáveis, fazem a criança distanciar-se de sua existência individual e a perder o contato consigo mesma, o que prejudica a sua auto-percepção.

Logo, os distúrbios de conduta são exteriorizados pelo sujeito através da expressão corporal, nela é possível identificar e relacioná-los com a prática do *bullying* no contexto escolar.

Metodologia e análise de dados

Como muitas vezes as agressões são veladas, os jovens envolvidos, a escola e os pais não sabem o que fazer. Aliás, uma das características do *bullying* é justamente a dificuldade em identificar a sua prática, pois geralmente os jovens sentem dificuldade de comunicar aos pais ou a escola, podendo assim, considerá-la como violação à dignidade alheia. A partir disso, utilizamos em nossa pesquisa a aplicação das técnicas para que tais práticas agressivas sejam relacionadas e identificadas através dos sinais dos distúrbios de conduta.

A escola foi selecionada a partir da indicação da Secretaria Estadual de Educação, pelo fato de atenderem crianças e adolescentes de várias regiões da cidade e por ser localizada na região periférica da cidade de Cáceres/MT.

A seleção dos sujeitos exigiu uma previa definição dos distúrbios de conduta investigados pelo projeto, aqueles não patológicos com citado anteriormente, porém aqueles que se caracterizam como transtornos ou desvio, uma vez que genericamente não seria possível devido à amplitude de tais distúrbios, por isso, se definiu como distúrbios, tendência à fantasia, tendência à agressividade, tendência à rejeição de autoridade e tendências ao mutismo, ao isolamento e ao ensimesmamento.

Além disso, foi solicitado aos professores que indicassem os nomes das crianças, com idade entre seis e doze anos, que tivessem problemas de comportamento em sala de aula. Em seguida, foram analisados desenhos das crianças e finalmente houve uma visita familiar, na qual contribuiu para a fase da seleção dos sujeitos.

As crianças foram agrupadas por GTs, de acordo com a idade: GT1 8 alunos de seis e sete anos, GT2 14 alunos de oito e nove anos, e GT3 dois alunos de 10 a 12 anos. Totalizando 24 crianças. Foram trabalhadas com essas crianças atividades de atenção, percepção e memória, com o objetivo de contribuir com o seu desenvolvimento nas atividades pedagógicas propostas em sala de aula. Isso, em um encontro semanal com meia hora de duração, durante 15 semanas.

Observação Natural

A observação natural assim se denomina porque os sujeitos são observados em situações naturais, durante o recreio e o lanche. O projeto não cria situações de controle para estabelecer bases à observação, isto viria a comprometer a naturalidade da expressão corporal.

A aplicação desta técnica se dá a partir do momento em que se adentra a escola, significa dizer que os sujeitos estão sob observação em todo espaço escolar, em todo e qualquer momento do período em que estão na escola. Esta técnica, aliada à análise dos desenhos, compuseram os meios ideais para a seleção e análise dos sujeitos.

Observando o cotidiano escolar dos sujeitos foi possível definir a organização de espaço e as relações de poder nas salas de aula. Os alunos espontaneamente desfazem organização da sala de aula, dispõem as carteiras conforme suas afinidades e preferências, e somente após esta “aparente desorganização” se sentem prontos para a aula do dia.

Cada sala tem seu grupo de líderes, cada um com características diferenciadas e determinadas naturalmente pela estrutura sócio-cultural da sala de aula. Em alguns casos, porém com notada frequência, a liderança/aluno assume a postura de desafio e posição de confronto à autoridade do professor, opondo-se a ele para manter a própria liderança junto aos colegas de classe, o que está sendo caracterizado como um provável distúrbio de conduta.

Além desses alunos, outros que chamam atenção são os que geralmente são isolados das atividades pedagógicas e até mesmo das brincadeiras e diálogos pelas outras crianças podendo assim também ser caracterizado como um provável distúrbio de conduta.

Análise de Desenhos

A técnica Análise de Desenho foi aplicada para a seleção inicial dos sujeitos e periodicamente nos encontros semanais. Solicitou-se aos alunos a elaboração de desenhos sob as seguintes consignas: 'Minha Família', 'Meu Corpo' e 'Meu Rosto'. Porém, para análise e identificação do *bullying* através dos sinais dos distúrbios de conduta delimitou-se o desenho com consigna 'Meu Corpo'. Este tipo de consigna possibilitou a análise da auto-percepção e da auto-imagem.

Para maior eficácia da análise dos desenhos utiliza-se Costa (2009) como suporte teórico desta técnica com a sugestão de que o desenho elaborado pelo sujeito seja interpretado mediante um protocolo de análise adequado, sempre apoiado pelas interpretações das demais técnicas aplicadas, que podem ratificar ou retificar a interpretação dos mesmos. Segundo a autora, com o passar do tempo, constatou-se que esses rabiscos (desenho infantil) eram cheios de significado, neles se encontra tudo que uma criança percebe e sente no mundo à sua volta. Não é aconselhável interpretar o desenho em si mesmo, sem contribuição de informações gerais, por isso para certificação e complementação desta análise utiliza-se dados de outras técnicas correspondentes à pesquisa da orientadora, tais como: Diálogo com Professores, Visitas Familiares, Impressão dos Pés e Análise de Fotos.

Porém, Costa (2009) afirma que mesmo com suas limitações interpretativas, o desenho é uma porta que a criança abre para o seu interior, um mundo de sentimentos e desejos que ajudam a compreender o que sente a respeito da família e da escola. E complementa que com isso, a criança revela no desenho o seu caráter, sua personalidade, temperamento e carências, as fases pelas quais passa, assim como suas dificuldades e conquistas.

De acordo com a autora, a organização de um protocolo de análise e da interpretação do desenho infantil dependerá de questões como: do contexto do desenho e o objetivo do especialista que investiga o desenho infantil. Pois isto facilita a interpretação, evita especulações aleatórias e também a interferência do estado emocional de quem interpreta o desenho. Logo, são necessárias consignas: solicitações prévias ao autor, ao contrário do desenho livre, o desenho por consignas se limita ao tema solicitado previamente ao autor.

Então para alcançar o objetivo proposto pela pesquisa, foram selecionados os desenhos cuja consigna 'Meu Corpo', produzido por 16 sujeitos entre sete e dez anos de idade, no mês de abril/2010. Para isso, toma-se por base o exemplo do protocolo de análise e interpretação de desenhos, sugerido por Costa (2009):

- Posição do desenho - Quando a imagem retratada é situada na parte superior do papel, que é o caso de 69% dos desenhos, geralmente está relacionado com a cabeça, o intelecto, a imaginação, a curiosidade e o desejo de descobrir coisas novas. Já na parte inferior do papel, 32% informam sobre as necessidades físicas e materiais que pode ter a criança.

Destes, 75% tem tendência para o lado esquerdo, o que indica pensamentos relativos ao passado, enquanto apenas 6% para o lado direito, indicando o futuro. E se o desenho se situa no centro do papel, o caso de 19%, representa o momento atual.

- Dimensões do desenho - Os desenhos com formas grandes, os quais totalizam apenas 12% mostram certa segurança. Enquanto os de formas pequenas, os quais totalizam 88% são as preferidas de crianças que normalmente precisam de pouco espaço para se expressar. Sugerem também uma criança reflexiva, ou com falta de confiança.
- Traços do desenho - Os contínuos, sem interrupções, parecem denotar um espírito dócil, o caso de apenas 19% dos desenhos. Enquanto o apagado ou falhado, pode revelar uma criança um pouco insegura e impulsiva, o caso da grande maioria dos desenhos, 81%.
- A pressão do desenho - Uma boa pressão indica entusiasmo e vontade (63%). Quanto mais forte o traço do desenho, mais agressividade existirá (12%). Enquanto os traços mais tênues demonstram falta de vontade ou fadiga física (25%).
- Detalhamento - Desenhos com muitos detalhes são caracteristicamente femininos. Os masculinos geralmente não apresentam riqueza de detalhes. Em ambos os gêneros, o detalhamento também revela traços de uma personalidade minuciosa, zelosa ou perfeccionista, o que é o caso de 31% dos desenhos.
- Reforçamento - O reforçamento denota preocupação é representado com traços repetidos em um mesmo lugar do desenho. Reforçamento na figura humana, além da preocupação, pode também representar medo, ira, raiva, ansiedade, desconforto ou incômodo. Os membros do corpo, quando causam dor, são representados com reforçamento no local exato da dor, muitas vezes o membro inferior ou superior dolorido é reproduzido em desarmonia com o seu par, pode ser menor, mais fino ou mais curto. O que totalizam exatamente 50% dos desenhos.

De acordo com Costa (2009), a consciência que a criança tem da própria ação lhe possibilita estabelecer novas relações consigo mesmo, relações estas anteriormente impedidas pela não generalização de suas vivências. Surgem conexões totalmente novas nas vivências quando estas adquirem um sentido determinado. Por conseguinte, as vivências infantis se reestruturam e são representadas como reflexos desta reestruturação. Seguem abaixo algumas representações - símbolos e significados:

- Árvore - Desenhada por apenas 19% das crianças, refere-se ao físico, emocional e intelectual da criança. Estas de tronco pequeno e estreito revelam vulnerabilidade e fragilidade diante de complicações. E com poucas folhas e galhos indicam que a criança está triste.
- Casa - Desenhada por apenas 12% das crianças é construção elaborada e edificada pela mão do homem. Quando representada no desenho revela que a sua concepção é o resumo de todas as aquisições efetuadas ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento humano. O desenho da casa grande demonstra grande emotividade (6%), se for uma casa pequenina a criança demonstra ser retraída (6%).
- Flores - O desenho de flores retrata uma criança alegre e feliz, plena de sonhos e desejos, entusiasmada e esperançosa, o caso de apenas 12% dos desenhos.
- Figura humana - Produções desequilibradas, figuras grotescas e bizarras com proporções desordenadas e pobremente integradas são elementos simbólicos altamente significativos que se encontraram presentes nos desenhos deste estudo, apontando para a existência de uma auto-imagem marcada por sentimentos de inadequação e depreciação, o que totalizam 75% dos desenhos. O desenho da figura humana além de veículo de projeção da imagem corporal

pode ser uma projeção de autoconceito, uma projeção de atitudes para com alguém do ambiente, uma projeção da imagem ideal do eu, um resultado de circunstâncias externas, uma expressão de padrões de hábitos, uma expressão de tonalidade emocional, uma projeção de atitudes do sujeito para com o examinador e a situação, a expressão de suas atitudes para com a vida e a sociedade em geral.

Entrecruzamento de Dados

Dos distúrbios de conduta (transtornos ou desvio) definidos como, tendência à fantasia, tendência à agressividade, tendência à rejeição de autoridade e tendências ao mutismo, ao isolamento e ao ensimesmamento, para análise dos dados e obtenção do objetivo, selecionamos tais tendências, pois estas são características das personagens do *bullying*.

Logo, com o objetivo proposto de identificar na expressão corporal os sinais dos distúrbios de conduta e relacioná-los com o *bullying* escolar, selecionam-se as informações mais significativas para alcançá-lo.

Da amostragem analisada, 88% das crianças são reflexivas e com falta de confiança, o que se entende por tendência ao mutismo, ao isolamento e ao ensimesmamento, podendo se características das personagens do *bullying*, como as vítimas e os espectadores que geralmente são crianças reflexivas, com problemas de comunicação, talvez pelo fato dos adultos considerarem as práticas agressivas apenas como brincadeiras de criança, gerando assim, uma falta de confiança por parte destas crianças. Isto se confirma também por 75% das crianças se sentirem depreciadas e inadequadas. Outro dado importante que se relaciona a características das vítimas e dos espectadores e se entende por tendência ao mutismo, ao isolamento e ao ensimesmamento, é que 50% das crianças apresentam preocupação, medo, ira, raiva, ansiedade, desconforto ou incômodo.

Identifica-se que 81% são crianças um pouco inseguras e impulsivas, ou seja, que apresentam tendência à agressividade e à rejeição de autoridade, sendo estas características do praticante do *bullying*, o agressor, o qual normalmente não gosta de ser contrariado, sente dificuldade de adaptação das regras e deseja a todo custo impor suas vontades mesmo que seja necessário praticar atos violentos. Pode-se considerar estas, como crianças inseguras, pelo fato de sentirem que se não estiverem no domínio do espaço podem também ser dominadas ou não se adaptar, ou de não saberem solucionar seus conflitos tendo assim um comportamento agressivo ou explosivo.

Porém um dado muito significativo é que apesar das limitações em seu espaço, sua experiência em uma comunidade carente e das características que definem a conduta e o comportamento das crianças, 63% delas são entusiasmadas e tem desejo e curiosidade de descobrir coisas novas, ou seja, 'não deixam de ser crianças'.

Contudo, cabe à escola e ao educador não deixar que esses comportamentos se perpetuem e se caracterizem como *bullying*, podendo com isso, trazer sérias consequências para a vida adulta da criança, desde o desenvolvimento de doenças como a depressão ou problemas com álcool, até gerando uma violência doméstica com seus cônjuges ou filhos, o que acaba criando um ciclo de violência doméstica e animando novas gerações de crianças agressivas.

Considerações Finais

A pesquisa proporcionou um amplo conhecimento bibliográfico nas teorias da área, que apesar da importância para a prática docente são pouco debatidas no meio acadêmico. Além disso, a experiência de estar acompanhando o desenvolvimento de crianças e adolescentes que têm dificuldades de comportamentos, ou seja, o dia a dia de uma instituição escolar com todos os seus conflitos e dificuldades.

A Violência na Escola ainda não é um tema muito discutido na universidade e é uma realidade que aumenta cada vez mais. Esta agressividade presente na escola terá reflexos na vida adulta das crianças, até extremos como a depressão e a violência doméstica, o que vai se tornando um ciclo e animando novas gerações de crianças agressivas.

Logo, conclui-se que é função da universidade pensar em projetos, nos quais além de conscientizar, que mobilizem toda a escola para que após assumirem que têm o problema da violência, possam desenvolver ações significativas que alcance resultados positivos diante dessa questão preocupante. Outro fator importante é compreender que a escola é extremamente ligada à comunidade, afinal é uma instituição social que sustenta a sociedade, então se temos como objetivo melhorar uma e/ou outra, não podemos estudá-las separadamente.

Assim, através da aplicação das técnicas as características do *bullying*, relacionadas aos distúrbios de conduta, foram identificadas. Além disso, propiciou-se a atualização dos professores sobre o tema e intervenção, para a sua minimização ou neutralização, a partir projeto da orientadora. Com isso, o projeto também contribui na melhoria do relacionamento entre o adulto e os sujeitos da pesquisa. E através das atividades de atenção, percepção e memória, trabalhadas com as crianças semanalmente, contribui-se com o seu desenvolvimento nas atividades pedagógicas propostas em sala de aula.

Referências

ANTUNES, Ney G. *Agressividade e Violência*. Disponível em: <http://www.rampadeacesso.com/ser/psi/ney_agressividade.htm>. Acesso em: 04 nov. 2012.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um manual prático*. Petrópolis. Vozes, 2002.

BORDIN, Isabel AS; OFFORD David R. *Transtorno de conduta e comportamento anti-social. v 22. (Supl II)*. São Paulo. Revista Brasileira de Psiquiatria, 2000, p. 5-12.

CAMARGO, Carolina G. *Características de personagens no bullying*. Disponível em: <<http://bullynobullying.blogspot.com/2009/02/caracteristicas-de-personagens-no.html>>.

Acesso em: 04 nov. 2012.

COSTANTINI, A. *Bullying, como combatê-lo?: prevenir e enfrentar a violência entre jovens*. Tradução Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo. Itália Nova Editora, 2004.

COSTA, Vani Maria de M. *A Expressão Corporal e sua relação com a Situação Social de Desenvolvimento em crianças de idade escolar de um assentamento campesino brasileiro*. Tese de doutorado em Ciências Psicológicas. Universidade de Havana/Cuba, 2009.

CUBAS, Viviane. *Bullying: assédio moral na escola*. In: ____; RUOTTI, Caren; ALVES, Renato. *Violência na Escola: um guia para pais e professores*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA. *Agressão*. 2003.

_____. *Distúrbios de Conduta*. 2003

DICIONÁRIO HOUAISS. *Violência*. 2001.

FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2ed ver. e amp. Campinas, SP: Verus, 2005.

_____; PEDRA, José Augusto. *Bullying Escolar – Perguntas e Respostas*. São Paulo: Artmed, 2008.

LOWEN, A. *Bioenergética*. 7ed. v.15. São Paulo: Summus Editorial, 1982.

MAKARON, Sônia. *Bullying: Como enfrentá-lo?* Disponível em: <<http://www.jornaljovem.com.br/edicao11/convidado11.php>>. Acesso em: 04 nov. 2012.
REVISTA NOVA ESCOLA. *Ciberbullying*. n.223, junho/julho, 2010.